



## Concepções sobre o conceito de Filosofia segundo a percepção de alunos do Ensino Médio

Leonardo Luís Costa e Silva Giorno<sup>1</sup>

43

<sup>1</sup>Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2º Tenente do Exército Brasileiro R2. Professor de Filosofia da Fundação Osório. Integrante do Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Educação da PUC-Rio. Atua na área do Ensino de Filosofia e Psicologia da Aprendizagem, pesquisando sobre motivação escolar, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: [leonardo.giorno@gmail.com](mailto:leonardo.giorno@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo apresenta uma análise de dados sobre as concepções de Filosofia de alunos do Ensino Médio, extraídas de uma pesquisa realizada com 12 alunos de duas escolas do Rio de Janeiro. Os dados indicam uma compreensão da Filosofia que tem como finalidade desenvolver o senso crítico, a autorreflexão, a construção de um pensamento próprio, além de promover a ética e a cidadania. Dentre os achados, destaca-se também a valorização do ensino de Filosofia, sinalizando a importância desta disciplina, na escola básica, para a formação do aluno. Este trabalho contribui, portanto, para o aperfeiçoamento da prática docente, sugerindo caminhos para a atuação do professor em sala de aula.

**Palavras-chave:** concepções de Filosofia, ensino de Filosofia, Ensino Médio

### Abstract

This article presents an analysis of data about the concepts of Philosophy of high school students, extracted from a research carried out with 12 students from two schools in Rio de Janeiro. The data indicate an understanding of Philosophy that aims to develop the critical sense, the self-reflection, the construction of an own thinking, and promote ethics and citizenship. Among the findings, it is also worth highlighting the Philosophy teaching, signaling the importance of this subject, in the basic school, for the formation of the student. This work contributes, therefore, to the improvement of the teaching practice, suggesting ways for the teacher's performance in the classroom.

**Keywords:** concepts of Philosophy, teaching of philosophy, high school



---

## INTRODUÇÃO

44

A definição do conceito de Filosofia e da sua finalidade sempre foi um tema habitual presente, ao longo da história, no pensamento de importantes filósofos, que divergiram entre si sobre o que para eles seria a Filosofia. Favaretto (1993) atenta para uma crise da Filosofia que foi indispensável para o surgimento de uma nova forma de ensiná-la. O autor chama a atenção para a existência de variadas filosofias, nos dias de hoje, e não mais de uma filosofia hegemônica. Isso dificulta a caracterização das especificidades do ensino de Filosofia, que muitas vezes está condicionado à concepção que cada professor tem sobre o que seja a Filosofia.

Conquanto, alguns autores buscaram organizar o que se chama de peculiaridades do ensino de Filosofia. “Na obra *O que é a filosofia?*, Gilles Deleuze e Félix Guattari afirmam que arte, ciência e filosofia são as três potências do pensamento”. (GALLO, p, 22, 2006). A primeira é a do pensamento perceptual e afetivo; a segunda, do pensamento funcional; e a terceira, do pensamento conceitual. Este trabalho abordará esta terceira via: a Filosofia como um aporte indispensável para que se alcance o conhecimento teórico-científico<sup>1</sup>, condição necessária a fim de que a pessoa possa atingir um desenvolvimento humano pleno, que só se torna iminente quando o sujeito deixa de pensar a realidade somente empiricamente. O pressuposto é de que sem o domínio de conceitos não é possível obter o pensamento teórico. A Filosofia será, portanto, uma das vias possíveis para se chegar ao pensamento crítico-reflexivo. Ela ajudará o aluno a pensar por si e sobre si, tendo em conta que ele precisa ser também filósofo, na etapa do ensino em que se encontra, e não apenas um simples conhecedor da história da Filosofia. Esta dinâmica será capaz de fortalecer uma postura de questionamento e suscitar nos alunos o espírito filosófico que busca os princípios e finalidades de todas as coisas. Essa atividade, que exige um esforço do intelecto, poderá estimular a encontrar o contentamento que se tem quando alguém se propõe a responder questões cujas respostas ainda são verificadas, tal como expressa Marcondes (2000, p.277):

---

<sup>1</sup>Conceito desenvolvido por José Carlos Libâneo (UCG) e Raquel A. M. da M. Freitas (UCG) em *Vygotsky, Leontiev, Davydov – Três Aportes Teóricos para a Teoria Histórico-cultural e suas Contribuições para a Didática*.



---

Se olharmos em retrospecto para a tradição filosófica, descobrimos apenas que a filosofia está sempre ainda por fazer. Os grandes filósofos nos legaram, sobretudo, um conjunto de questões a serem retomadas e um instrumental teórico e conceitual para rediscuti-las. Nossa tarefa é seguir esses caminhos, buscando, ao mesmo tempo, novos caminhos.

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

45

### A prática docente do professor-filósofo

Não se trata aqui de formar especialistas em Filosofia nesse nível de ensino, e sim, ir aos poucos aproximando os estudantes, em sala de aula, do contato com o estilo reflexivo da Filosofia, que é indispensável para se apreender a forma de abordagem filosófica (o filosofar) de modo significativo<sup>2</sup>. Para que o aluno consiga desenvolver sua capacidade de pensar per se, é fundamental ter claro o papel do professor. Este não pode ser um mero repetidor de conceitos filosóficos em suas aulas, mas precisa ser também filósofo, fazedor de conceitos, ou seja, não pode ser apenas professor de Filosofia.

Neste sentido é que se revela a importância da comunicação a fim de que haja compreensão entre seus interlocutores, cujo fundamento, para se alcançar o aprendizado do aluno, é a interação entre todas as partes desta relação. Esse resultado não será logrado se o professor se colocar numa postura monológica, em que só ele fala e o aluno escuta, mas deve procurar assumir uma postura de mediador do conhecimento. Para isso, Rosa e Sylvio (p. 422, 2016) alertam que o professor como mediador deve considerar alguns conhecimentos que são essenciais:

Realizar o ensino como mediação pedagógica [...] exige dos professores determinados conhecimentos educacionais: da história e das finalidades sociais e políticas da educação escolar; dos conteúdos escolares; dos processos psicológicos de aprendizagem e dos métodos e técnicas de ensino.

Deste modo, a universidade deve se preocupar com uma formação de professores que contemple essas necessidades em seus currículos, para que o futuro professor possa ser capacitado a fim de oferecer um ensino de qualidade na escola, uma vez que o

---

<sup>2</sup> Currículo Mínimo de Filosofia do Ensino Médio para o Estado do Rio de Janeiro, 2012.



processo de escolarização bem vivenciado pelos alunos é substancial para o desenvolvimento cognitivo do sujeito (OLIVEIRA, 2003).

Também para Aspis (2004), o professor de filosofia precisa ser filósofo. Até sua prática pedagógica precisa ser filosófica, desde o planejamento das aulas até as avaliações. Os caminhos que são propostos pelo professor precisam estimular seus alunos para que possam seguir um percurso investigativo que procure encontrar saídas para os problemas que são apresentados pela Filosofia. Mais do que isso, o professor mesmo precisa percorrer esse caminho formativo junto aos seus alunos. Ele não pode ser mero espectador deste processo, mas deve também aprender a formular questionamentos sobre si mesmo. É possível entender melhor esse *locus* do professor na sala de aula, quando se tem em perspectiva a formação continuada do professor, que não termina quando ele obtém o diploma de licenciado, mas que prossegue a partir de sua colação de grau. O professor, sobretudo o professor de filosofia, está sempre por se fazer, inacabado, aberto, em busca de sua completude. Esse espírito de um eterno aprendiz, o professor deve procurar compartilhar com os seus alunos, instigando-os pelo seu próprio exemplo a aspirar esse mesmo espírito, e nisto a Filosofia pode ser uma grande colaboradora. Ele não pode deixar de entrever que é um espelho para seus alunos e que, ainda que não deseje, seu *ethos* sempre será um reflexo a influenciar o modo de ser e de pensar dos seus alunos. Portanto, tem de ser sabedor da seriedade do seu trabalho, cuja importância consiste na promoção do desenvolvimento nos sujeitos de uma personalidade filosoficamente autônoma.

Mesquita (2016a) constata que os alunos buscam no conhecimento alguma utilidade que lhes sirva para a profissão futura e que, quando esse conhecimento não tem nenhum tipo de significado útil, se torna desinteressante. Neste caso, o sentido que tem a escola é o de possibilitar aos alunos estarem em contato com outras pessoas, sejam seus próprios colegas ou professores, havendo assim uma maior ênfase no papel socializador do que no aprendizado em si. Algumas falas dos alunos, colhidas por meio de entrevistas, evidenciam que a figura do professor ganha maior relevância nesta conjuntura, porque ele assume um papel fundamental para que o aluno consiga atingir a finalidade do ensino, adquirindo a centralidade da vida do estudante: “O bom professor me faz aprender”; ‘é o professor que me mostra o porquê do aprender’, ‘é o professor que pode fazer eu me



interessar pela matéria” (MESQUITA, 2016a, p. 5150). Deste modo, fica patente o peso da dimensão motivacional do professor, melhor delimitada nas palavras de Mesquita (2016a, p. 5150-5151):

A dimensão motivacional envolve mobilização, compromisso e satisfação pela profissão. Os jovens apontam que a dedicação e o interesse do professor com a aprendizagem permitem que o mesmo "faça de tudo para o aluno" aprender. Além disso, uma condição que pode estar associada a este empenhamento por parte dos professores está na satisfação pela profissão, nomeada pelos alunos por "ter prazer pelo que faz" ou "gostar de ensinar".

Em outra pesquisa realizada com 69 professores de uma escola de Ensino Médio da periferia do estado do Rio de Janeiro, Mesquita (2016b) nota que o ingresso dos professores para lecionar nesta etapa de ensino não se deu de forma consciente, mas por outros fatores. Alguns profissionais migram para a licenciatura por acreditar ser essa uma área com uma maior oferta de mercado, ao perceber que apenas com o bacharelado será mais difícil conseguir um emprego. Contudo, aqui também se incluem aqueles docentes que decidiram de modo consciente pelo magistério, mas não imaginavam ter de atuar no Ensino Médio, com todas as peculiaridades que lhe são próprias. Mesquita (2016b) também observa que alguns professores acabam optando pelo Ensino Médio porque os alunos não são tão novos e, assim, o professor não precisa se preocupar com os aspectos relacionais, afetivos e motivacionais, pois essa responsabilidade recai sobre o próprio aluno e, com isso, a omissão do professor nessas áreas da formação integral do aluno não é tão cobrada quanto no Ensino Fundamental. A motivação para ser professor, mesmo com todos os motivos contrários, como o desprestígio da profissão ou as condições precárias de trabalho, se dá quando se pode acompanhar o sucesso do aluno. “Tal situação favorece um sentimento de valorização e de reconhecimento que, segundo os professores, somente o trabalho com o outro consegue garantir” (MESQUITA, 2016b, p. 15).

### **A Filosofia como promotora da autonomia do aluno**

Cotrim e Fernandes (2013, p. 404) consideram que o retorno da filosofia para o currículo da escola básica, em 2008, indicou um novo modelo de educação que o país projetou para o seu futuro. Uma educação que ensinasse os seus alunos a pensar, e que estivesse fundada na “promoção da autonomia e da cidadania plena dos indivíduos que a



constituem”. Só assim seria possível alcançar uma sociedade que privilegia valores fundamentais como a justiça, a liberdade e a solidariedade. Aspis (2004, p. 309), do mesmo modo, sobreleva o valor de estimular no aluno o desenvolvimento da autonomia:

O justo é educar para oferecer condições para o educando conquistar pensamento autônomo. O pensamento que conhece suas razões, que escolhe seus critérios, que é responsável, consciente de seus procedimentos e conseqüências e aberto a se corrigir. Pensamento criativo, capaz de rir de si mesmo, buscador de compreensão, sempre atento ao seu tamanho justo. Esse pensamento não se permite obediência à regra inquestionável do consumo automático, infundado e sem fim.

Cotrim e Fernandes (2013, p. 406) apresentam dois tipos de ensino de filosofia, um com enfoque tradicional e outro com enfoque renovado. Fazem uma exposição depreciativa do ensino tradicional, como uma forma de ensino autoritária, uma pedagogia rígida, que forma indivíduos “mal preparados para pensar um mundo dinâmico”. Contudo, não leva em consideração que foi este mesmo ensino tradicional, predominante durante muito tempo, que formou uma geração de alunos que se tornaram professores “renovados”. Por isso, na mão inversa de como afirmam Cotrim e Fernandes (2013), estritamente neste aspecto, não se pode dizer que um ensino crítico-reflexivo, propício para favorecer a autonomia do aluno, está detido em apenas um ou outro modelo de ensinar, mas que pode se fazer presente em quaisquer estilos de ensino.

Para Souza (2013, p. 14), o melhor momento para se iniciar os estudos de Filosofia é a infância, pois é nesta etapa da vida “que a mente está aberta a aprendizados importantíssimos para o prosseguimento da vida, e ainda mais para a formação humana”. A autora afirma ainda a importância de iniciar desde cedo a reflexão filosófica na escola, com o objetivo de fomentar a autonomia do aluno, pois assim será possível formar indivíduos que no futuro disponham de uma capacidade reflexiva melhor desenvolvida.

### **A Filosofia como coadjutora na construção de conceitos**



Em sua metodologia, o professor pode seguir uma linha cronológica, pela história da filosofia, uma perspectiva que aborde as áreas da filosofia como a ética, a política, a epistemologia e a estética ou até mesmo uma linha temática, discutindo os problemas mais centrais da filosofia. Cada uma dessas abordagens tem seus pontos negativos e positivos, podendo o professor, também optar por fazer uma conciliação entre todas elas. Essas, embora sejam as mais utilizadas, são apenas algumas opções dentre muitas que o professor pode adotar (FAVARETTO, 1993). Todas essas opções metodológicas são apenas meios para se chegar à finalidade do ensino de Filosofia, que é possibilitar ao aluno “julgar a realidade por meio da prática do questionamento filosófico e da construção de conceitos, por meio do exercício da criatividade e avaliação filosóficas” (ASPIS, 2004, p 310). É preciso ressaltar ainda a importância de um ensino de filosofia que parte do aluno, de sua realidade, de seus dilemas existenciais, fazendo da Filosofia uma “tentativa de elaboração de saídas para problemas concretos, por meio da criação de seus conceitos” (ASPIS, 2004, p. 309). Arelada a construção de conceitos está a noção de inutilidade da Filosofia apreciada por Mendonça (1976) como um valor indispensável neste processo do filosofar, melhor definido nas palavras de Costa e Fernandes (2016, p. 51):

O autor e seus colegas resolveram visitar o leito seco de um rio que fora desviado pela usina e que agora se tornara espaço de rejeito. Nesse leito, puseram-se a colher algumas pedras que, com a seca do rio, tornaram-se salientes, embora sem nenhum valor de mercado. Essa situação o colocou diante de duas sensações aparentemente contraditórias: de um lado, o “espetáculo da utilidade” marcado pela proeza da engenharia (com a usina, muitas cidades iriam se beneficiar, uma construção com impacto direto e funcional na vida de milhares de famílias); de outro, a vivência individual de uma inutilidade marcada pelo ato de colher pequenas pedras e maravilhar-se por isso.

A Filosofia, portanto, embora esteja vinculada ao dever e voltada para o exercício da cidadania, não perde sua natureza também inútil. O estudante-filósofo só poderá formular conceitos no momento em que se desprende da realidade prática e se volta para o conhecimento teórico, sem a pretensão de um aprendizado utilitarista.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS



A pesquisa foi realizada com alunos do 1º e 3º anos de duas escolas do Rio de Janeiro, uma escola privada denominada escola Alfa e uma escola pública nomeada escola Beta. Para preservar a identidade dos participantes e das escolas, os nomes que serão utilizados são todos fictícios, de tal modo que Lara-3 $\alpha$  corresponde a uma aluna do 3ª ano da escola Alfa, enquanto que Samuel-1 $\beta$  corresponde a um aluno do 1º ano da escola Beta e, assim, seguidamente.

Dentre os 12 participantes da pesquisa, 11 afirmaram que a disciplina de Filosofia deveria ser obrigatória. Apenas Samuel-1 $\beta$  acredita que a disciplina deveria ser oferecida aos alunos que se interessassem por cursá-la, assim como nenhuma disciplina deveria ser obrigatória, mas o aluno deveria ter a liberdade de escolhê-la. Caso assim o fosse, mesmo afirmando ser a filosofia complexa, ele optaria por estudá-la.

Metade dos participantes disse que a disciplina deveria ter 2 tempos semanais, frente ao único tempo fixado pelas duas escolas. Também em expressiva participação, 5 alunos sugeriram 3 tempos e, um último, 4 tempos semanais, equiparando o ensino de Filosofia com outras disciplinas já tradicionalmente consolidadas como português e matemática. Esses dados estão em consonância com a pesquisa realizada pelo Subprojeto de Filosofia do PIBID da PUC-Rio que constatou que os alunos “apontavam para os 50 minutos semanais de aulas de Filosofia como insuficientes para o desenvolvimento de qualquer ensino mais significativo” (LYRA, 2017, p. 48).

Sobre o momento escolar em que a disciplina de Filosofia deveria começar a ser ensinada nas escolas, a maior parte dos participantes, 9 de 12, concentrou-se no segundo segmento do Ensino Fundamental, sob a justificativa de que, já nesta etapa escolar, deveria se oferecer uma introdução à Filosofia: 2 alunos desejariam que a disciplina se iniciasse no 6º ano, 6 participantes - a maior parte - que começasse no 8º ano e apenas um gostaria que ela fosse oferecida a partir do 9º ano. Outros 2 participantes, por acreditarem que nesta etapa os alunos possuem maior maturidade, acham que a disciplina deve começar no Ensino Médio, enquanto que outro participante pensa que a disciplina deve ser ensinada já no 1º ano do Ensino Fundamental, pois, para ele, além de ajudar na construção de um pensamento próprio do indivíduo, se a Filosofia fosse oferecida desde cedo “ficaria muito melhor, muito mais interessante. As pessoas levariam muito mais a sério...” (Kelvin-3 $\beta$ ). Esta opinião reforça o pensamento de Souza (2013, p. 17), de que





o ensino de Filosofia precisa iniciar o quanto antes na escola, para promover no indivíduo o desenvolvimento de sua capacidade crítico-reflexiva:

O ensino da filosofia consiste em reconhecer e seguir bem de perto aquilo que as crianças estão pensando, ajudando-as a verbalizar e objetivar esses pensamentos e, depois, cuidando do desenvolvimento das ferramentas que necessitam para refletir a respeito desses pensamentos. A hipótese é que a filosofia faz as crianças viajarem no imaginário infantil, aproximando-se da filosofia pela admiração e pela curiosidade. A criança que filosofa tende a ser mais atenta e a buscar a informação que lhe permite um conhecimento aprofundado, tornando-se apta a questionar e a lidar com o desconhecido.

### **Concepções de filosofia**

As concepções dos alunos sobre o que para eles seria Filosofia foram extraídas das entrevistas e, na análise, foram classificadas em 4 conjuntos, a saber: 1) primeiro contato com a disciplina, 2) dificuldade para aprender Filosofia, 3) finalidade da Filosofia e 4) outras concepções. O primeiro conjunto incluiu as concepções de i) estranhamento; ii) identificação; e iii) indiferença; já o segundo, foi dividido em iv) difícil; e v) não difícil; o terceiro incluiu vi) senso crítico; vii) autorreflexão; viii) ética e cidadania; e ix) construção de um pensamento próprio; por fim, o quarto conjunto foi constituído pelas noções de x) interdisciplinaridade; xi) pensamento dos filósofos; xii) conhecimento; e xiii) sentir, como descrito no quadro abaixo:

### **Concepções de Filosofia**



|  |   |
|--|---|
| <b>Primeiro contato com a disciplina</b>   | I. Estranhamento<br>II. Identificação<br>III. Indiferença   |
| <b>Dificuldade para aprender Filosofia</b> | IV. Difícil<br>V. Não difícil   |
| <b>Finalidade da Filosofia</b>             | VI. Senso crítico<br>VII. Autorreflexão<br>VIII. Ética e cidadania<br>IX. Construção de um pensamento próprio |
| <b>Outras concepções</b>                   | X. Interdisciplinaridade<br>XI. Pensamento dos filósofos<br>XII. Conhecimento<br>XIII. Sentir                 |

**Quadro 1** - Subcategorias de análise das Concepções de Filosofia

Quanto às primeiras impressões que tiveram sobre a Filosofia ao entrarem em contato pela primeira vez por meio da disciplina (subcategorias *i*, *ii* e *iii*, vide quadro acima), 6 alunos reagiram com *Estranhamento* ou surpresa, por não ter sido aquilo que imaginavam em suas representações mentais do que era a Filosofia. Outros 5 alunos fizeram uma *Identificação* entre a sua expectativa e o primeiro contato com a disciplina, enquanto que um último descreveu certa neutralidade ou *Indiferença*, não havendo nem estranheza nem identificação inicial com a disciplina. É importante dizer que as diferentes reações dos alunos não são, a priori, negativas ou positivas, mas apenas expressam como se deu esse primeiro encontro com a Filosofia. As concepções acerca da Filosofia vão sendo construídas à medida que o aluno vai tendo um contato diário com ela.

Do mesmo modo como as três primeiras, as subcategorias *iv* e *v*, também são excludentes, não podendo o mesmo respondente ter sido codificado em mais de uma. Enquanto que nas três primeiras, todos os participantes foram categorizados em ao menos uma das três, nestas agora não foi possível identificar alguma das duas subcategorias para todos os entrevistados. De modo que, ao longo de sua fala, 4 participantes exprimiram a ideia de que a Filosofia é complexa ou *Difícil*: “só que eu achei meio complexo (...) é, tem que, tipo, ficar muito focado para você entender... porque, tipo, tem algumas palavras que complicam” (Liana-3 $\alpha$ ). Na mesma linha, Samuel-1 $\beta$  também afirmou:



Eu achei legal, só que tem coisa que é complicada. Ai, Filosofia é muito pra minha cabeça, dá uma confusãozinha, mas eu gosto (...). Eu só penso numa matéria difícil... eu gosto de Filosofia particularmente, mas tem umas filosofias que são muito complexas.

Já outras duas afirmaram *Não ser difícil*: “Não imaginava que a introdução à Filosofia fosse da forma que o professor apresentou, pensei que fosse algo mais difícil, e não é” (Viviane-1 $\alpha$ ), “já tinha uma ideia e não me surpreendi gosto bastante da matéria, pra mim era uma coisa normal” (Isabel-1 $\beta$ ). Um ponto relevante a considerar é que até mesmo aqueles que não acham Filosofia difícil, não disseram, no entanto, que ela é fácil. Isso pode indicar que a disciplina de Filosofia é compreendida pelos alunos como sendo algo complexo e que, portanto, requer um maior esforço para aprender.

As subcategorias *vi*, *vii*, *viii* e *ix* agrupam-se no conjunto de concepções que abrange a finalidade ou função exercida pela Filosofia, bem como seus frutos ou objetivos alcançados. Neste conjunto, as respostas são cumulativas, podendo os entrevistados ter concepções que se enquadrem em mais de uma subcategoria. Destarte, houve 9 participantes que identificaram a Filosofia com o desenvolvimento do *Senso crítico*, o ato de pensar e o processo de refletir, como Liana-3 $\alpha$ :

é, eu acho que eu percebo quando a filosofia traz um pensamento crítico para a gente, a gente vai tendo um conhecimento mais amplo, e a gente vai criticando certas coisas (...) o porquê daquilo.

Outras duas alunas expressaram seus pensamentos nessa mesma direção: “Ah... acho que está muito relacionado a isso, como um senso crítico” (Renata-3 $\beta$ ) “porque era uma aula meio reflexiva (...) não sei, talvez, é porque, tipo, quando falam filosofia eu penso logo no ato de reflexão” (Isabel-1 $\beta$ ). Outrossim, também disse Kelvin-3 $\beta$ :

Filosofia tem tudo sobre tudo, sobre o que tem certeza e o que não tem (...) porque obriga a pessoa a ter um pensamento crítico e (...) é muito importante que todos tenham um pensamento crítico, né?

Esta concepção, embora não torne o senso crítico uma exclusividade do ensino de Filosofia, como afirma Gallo (2006, p. 23), revela uma de suas características principais, promovendo o “questionamento constante, da busca das raízes das coisas, não se contentando com respostas prontas e sempre colocando em xeque as posturas dogmáticas e as certezas apressadas”. Dentre todos os alunos, 8 relacionaram a Filosofia às ideias de *Autorreflexão*, autoconhecimento e autoajuda, tal como nas palavras de Lara-3 $\alpha$ , que descreveu a Filosofia como uma forma de encorajá-la a seguir em frente:



eu às vezes assisto vídeos de persistência, essas coisas... e eles falam tipo assim: ‘você tem que acreditar...’, que você tem que pensar, que você é isso. Isso para mim é como se fosse é... um incentivo para você que, às vezes, pode tá na pior, achando que tudo tá acabado e a pessoa tá lá filosofando, acreditando no seu potencial.

Outros alunos de modo igual exprimiram suas percepções: “Principalmente quando eu tenho algum problema pessoal, aí a filosofia, ela me ajuda a refletir para achar uma solução para esses problemas, independente de qual for, nota, familiar” (Eduardo-1 $\alpha$ ), “eu acho que é tirar alguma coisa, sabe, de algo que aconteceu e tirar uma lição dali” (Samuel-1 $\beta$ ). Semelhantemente a esta noção encontrada no PCNEM (BRASIL, 2000) de um conhecimento significativo, afirmou Márcia-1 $\alpha$ :

Eu tenho muito problema. Muitos, muitos, muitos. E eu acho que você dar uma pausa, você sentar e você refletir, e você começar a ver o que você tá fazendo de errado é o principal ponto. Você desistir e deixar aquilo de lado é totalmente inaceitável, senão você não vai conseguir fazer aquilo nunca, então eu acho que você sentar e ter um momento pra você refletir e saber o que está fazendo da sua vida é necessário.

Tal postura filosófica favorece o desenvolvimento da autonomia do aluno (ASPIS, 2004; COTRIM; FERNANDES, 2013), que só é possível com o exercício da autorreflexão (AZZI; POLYDORO, 2010).

Outros 5 participantes ressaltaram que a Filosofia está vinculada à *Ética e cidadania*: “pensar nos nossos atos, pra mim filosofia é pensar como agir e o que você faz e o que você vai fazer, esse tipo de coisa” (Isabel-1 $\beta$ ). Quando perguntada se percebe filosofia em sua vida cotidiana, Renata-3 $\beta$ , reitera “Isso que eu falei, por exemplo, da ética, no caso, seja na forma de governo ou até mesmo das pessoas próximas de mim, a família”. Assim, a Filosofia aparece nas representações dos alunos, tal como afirmou Cotrim e Fernandes (2013), como fundamental para a promoção de uma cidadania plena. Ainda 4 alunos incumbiram à Filosofia a tarefa da *Construção de um pensamento próprio*: “Cara, eu acho que é você refletir e você chegar numa opinião que é uma coisa sua” (Márcia-1 $\alpha$ ). Segundo Kelvin-3 $\beta$ , uma aprendizagem que consiste apenas em decorar conteúdos e reproduzi-los não favorece que o estudante amadureça sua capacidade de reflexão autônoma:

Não só saibam coisas exatas, coisas humanas, mas tenham um pensamento crítico também, um pensamento próprio. Porque ter algo decorado é muito fácil, (...) você vira uma máquina e você não sabe o que que acontece e aí depois fica reclamando que o governo é fajuto.



Entendeu? (...) Olha... eu presumo assim que, eu acredito que os países que tenham maior investimento na educação já trabalhem um pensamento próprio, como formar um cidadão desde cedo, então acredito também que filosofia, sociologia também comecem cedo já pra desde criança ter um pensamento próprio, entendeu?

55

Outras concepções também surgiram ao longo das entrevistas. De forma bastante expressiva, os alunos destacaram o caráter da *Interdisciplinaridade*, realçando a importância de relacionar os diversos conhecimentos. Gallo (2006, p. 23) já havia afirmado que uma das especificidades da Filosofia é ser “um saber que se experimenta, que se confronta consigo mesmo e com os outros, que se abre ao diálogo com outros saberes, um saber aberto e em construção coletiva”. Esta mesma perspectiva se assemelha a de 8 alunos que vincularam a Filosofia a outras áreas de conhecimento como a Sociologia, a Teologia, as Artes, a Psicologia, a Matemática e a Religião: “na minha opinião eu sempre tento relacionar psicologia com filosofia” (Márcia-1 $\alpha$ ). “Percebo mais na minha igreja mesmo (...) nos estudos, nos livros, nas homilias dos padres, nas catequeses. Eu percebo a filosofia encaixada com a Teologia um pouco” (Viviane-1 $\alpha$ ). A aluna Lara-3 $\alpha$ , em sua fala, revela como para ela é o modo de fazer Filosofia:

Você pode tá falando, por exemplo, agora, de uma coisa e você tá falando de outra, de mais outra que interligam essa ideia que você tá falando. Para mim filosofia é isso, são ideias que você vai puxando aqui, aqui, aqui até juntar uma ideia só.

Segundo Yago-3 $\alpha$  é justamente esta peculiaridade da interdisciplinaridade que possibilitou o surgimento da Filosofia, como mãe das outras áreas: “Eu tento não tirar da minha cabeça a ideia de filosofia, que hoje em dia é chamado hoje de Filosofia é o que levou os primeiros pensadores a criarem a possibilidade das outras áreas existirem”. Por fim, Natália-3 $\beta$  se atenta para uma Filosofia prática que deve se fazer presente em todos os lugares:

Pra mim isso tudo é filosofia (...) assim como a sociologia. Então... e artes também. Eu acho que são disciplinas que interferem na sua capacidade humana, porque mesmo que você, vamos comparar com exata, ainda que você saiba fazer cálculos mirabolantes, você tem que saber se colocar no lugar do próximo, tem que saber entender o que tá se passando naquele momento e saber ligar uma coisa a outra de uma maneira mais natural.

Outros 4 alunos entrevistados vincularam a Filosofia ao estudo dos *Pensamentos dos filósofos*: “até filósofos com seus pensamentos ajudam também a gente a superar



algumas coisas” (Márcia-1 $\alpha$ ). Outro exemplo, que reafirma a possibilidade de adotar diferentes modos de ensinar (FAVARETTO, 1993), passando pela valorização à história da Filosofia (GALLO, 2006) é a relação feita na reflexão de Natália-3 $\beta$ :

quando o meu pai, ele também gosta muito desses temas de filosofia e sociologia, então a gente sempre debatia e às vezes ele me dava uma lição de moral com alguma coisa de Sócrates ou algo assim, aí eu achava isso interessante.

56

A subcategoria *Conhecimento* foi encontrada na fala de 3 alunos que se identificaram com essa concepção, como: “Filosofia são conhecimentos que você vai adquirindo ao decorrer da sua vida” (Lara-3 $\alpha$ ). Por último, houve também uma aluna que, distanciando-se das concepções de seus pares, disse que a Filosofia não se prende somente à razão. Embora esteja ligada ao pensamento, ela acredita que a Filosofia também passa pelo ato de *Sentir*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se que quase todos os alunos entrevistados defendem a obrigatoriedade do ensino de Filosofia, e acham que deveria iniciar já no final do segundo segmento do Ensino Fundamental. Também consideraram que um tempo semanal é insuficiente para que haja um aprendizado significativo, revelando, com isso, a importância que dão para a disciplina de Filosofia na escola básica. Observou-se que os alunos, quando começam a estudar Filosofia no Ensino Médio, apresentam diferentes reações ao primeiro contato, alguns expondo certo estranhamento ou surpresa e outros despertando imediata identificação, tendo havido uma parcela dos alunos que revelou, espontaneamente, que a disciplina é complexa ou difícil, mas que ainda assim gostam de estudá-la.

A maior parte dos alunos assimilou a Filosofia com um ensino que ajuda a pensar, refletir e formar um senso crítico sobre a realidade, ao lado daqueles alunos que acreditam que a Filosofia tem como peculiaridade se relacionar com as outras áreas em uma perspectiva interdisciplinar. Logo depois, a subcategoria que apresentou maior número de ocorrências foi a que identificou o ensino de Filosofia como sendo um espaço para autorreflexão, autoconhecimento ou autoajuda. Em seguida, a subcategoria com maior participação dos entrevistados foi aquela em que os alunos conceberam esse ensino como



sendo um lugar de aprender ética e cidadania. Por fim, também se mostraram expressivos aqueles que acreditam que a Filosofia ajuda a construir um pensamento próprio e original, junto dos que compreenderam a disciplina de Filosofia como o estudo dos pensamentos dos filósofos.

Deve-se observar, no entanto, que o entendimento sobre a obrigatoriedade da Filosofia na escola, quantos tempos semanais a disciplina de filosofia deveria ter e a partir de qual série a disciplina deveria ser ofertada são elementos que ajudam a construir o espectro das concepções que os alunos possuem sobre a Filosofia, bem como a compreensão que têm sobre a utilidade da disciplina para sua profissão futura, o modo como enxergam os professores e as aulas e, por fim, o que sugerem para melhorá-las. Deste modo, seria preciso dar continuidade a este trabalho, realizando pesquisas em larga escala e que utilizem metodologias longitudinais com o intuito de confirmar os resultados encontrados.

## REFERÊNCIAS

ARANHA, M. A; MARTINS, M. **Filosofando, introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993.

ASPIS, R. O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 24, n. 64, p. 305-320, set./dez. 2004

BRASIL. Conheça as mudanças que ocorrerão no ensino médio, 2017. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/educacao/2017/02/conheca-as-mudancas-que-ocorrerao-no-ensino-medio>> Acesso em: 15 ago 2017.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Novo Ensino Médio – Dúvidas, s/d. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem\\_01](http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem_01)> Acesso em 15 ago 2017.

\_\_\_\_\_. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 10 ago 2017



COSTA, L. B; FERNANDES, R. A. **Quem tem medo de Filosofia? Filosofia para crianças e Infâncias. Formação de professores: nas trilhas do Parfor.** Lajeado: Univates. p. 48-53. 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/139946>> Acesso em: 12 mar. 2018.

COTRIM, G; FERNANDES, M. **Fundamentos de Filosofia** (Manual do Professor). 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

FAVARETTO, C. Sobre o ensino de Filosofia. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 97-102, jan-jun 1993.

GALLO, S.; KOHAN, W. (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio**, Petrópolis, Vozes, v. 6, 2000.

GALLO, S. **A Filosofia e seu Ensino: Conceito e Transversalidade.** Rio de Janeiro: Ethica, v.13, n.1, p.17-35, 2006.

\_\_\_\_\_. **A especificidade do ensino de Filosofia:** em torno dos conceitos.

[LELIS, I.](#) ; MESQUITA, S. Escola privada de rede: concepções de qualidade e o impacto sobre o trabalho docente. In.: FARIAS, I.; LIMA, M.; CAVALCANTE, M; SALES, J. (Org.). **Didática e a prática de ensino na relação com a formação de professores** (Coleção Práticas Educativas). 1<sup>a</sup> ed. Fortaleza: EdUECE, 2015, v. 2, p. 2816-2826.

LYRA, E. Subprojeto de Filosofia: Quem disse que jovens não gostam de Filosofia? In: SALOMÃO, M.; CARVALHO, A.; RODRIGUES, R. (org.). **Experiências na formação de professores: cinco anos do PIBID/PUC-Rio** – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2017.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia:** dos pré-socráticos a Wittgenstein. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MENDONÇA, E. **O Mundo precisa de filosofia.** Rio de Janeiro: Agir, 1976.

[MESQUITA, S.](#) O papel central do professor de Ensino Médio na percepção dos alunos. In.: **XVIII ENDIPE Encontro Nacional de Didática e Prática de ensino.** Didática e Prática de ensino no contexto político contemporâneo: cenas da educação brasileira. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2016(a). v. 1. p. 5148-5152.





\_\_\_\_\_. Ser professor do ensino médio: desafios e dilemas enfrentados. In.: **XI Seminário Internacional de La Red Estrado**, 2016, Cidade do Mexico. *Movimientos Pedagógicos y Trabajo Docente em tiempos de estandarización*, 2016(b). v. 1. p. 01-21.

\_\_\_\_\_.; LELIS, I. Cenários do Ensino Médio no Brasil. **Ensaio (Rio de Janeiro. Online)**, v. 23, p. 821-842, 2015.

ROSA, S.; SYLVIO, M. **Teoria Histórico-cultural e Teoria do Ensino Desenvolvimental: Bases para uma Epistemologia Psicológico-didática do Ensino**. Goiânia: Educativa, v. 19, n. 2, p. 419-448, maio/ago, 2016.

SOUZA, T. S. O ensino de Filosofia para crianças na perspectiva de Matthew Lipman. São Paulo: **Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia**. UNESP. v. 6, n. 2, 2013. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/taniasouza.pdf>  
f> Acesso em: 20 jan. 2018.